

GÓRGONA

REVISTA LITERÁRIA



DISSOCIAÇÃO
E O SENSORIAL

#1

Górgona
é uma revista
literária digital
com curadoria,
edição e organização
de Jarid Arraes.
A publicação é
um projeto
Hub Górgona,
especializado em
explorar as diversas
faces do trauma na
literatura e escrita.



Fotografia de capa:
Asaph Guedes



EDIÇÃO #1

05 *Introdução*

06 *Poesia: Vínculo,*
de Gislaïne Moraes

07 *Conto: Infusão em cor-de-rosa,*
de Marilise Mônaco

09 *Trauma em*
escrita livre

16 *Poesia: Sífilis,*
de Gabriela Soutello

18 *Coluna: Possessão e rebeldia,*
de Amanda Guimarães

26 *Poesia: Intimidade,*
de Charlene Moraes

27 *Especialista:*
Kelly Linhares Severino

31 *Conto: Brinquedos,*
de Claudia Jordão

34 *Entrevista:*
Claudia Jordão





38 *Poesia: Não fica sequer saudade,*
 de Ana Márcia Diógenes

42 *Coluna: Traumas, risos e adereços*
 de Érica Jorge Carneiro

47 *Conto: Bola de fogo,*
 de Charlene Moraes

50 *Conto: Planta enferma*
 de Júlia Rathier

53 *Especialista:*
 Patricia Santana

58 *Poesia: Servida*
 de Marilise Mônaco



AFETO ABERTO

Jarid Arraes

A publicação desta revista é a realização de um sonho. Significa que o Hub Górgona já deu certo e já fez diferença. Melhor: está apenas começando.

... O desejo de unir meus estudos sobre trauma e meu trabalho com literatura e escrita sempre me acompanhou. O trauma me aproximou da poesia, a poesia me fez encontrar outros seres humanos que expressam e entendem o que sinto; e eu me tornei outra pessoa escrevendo a complexidade desorganizada que é o trauma na mente e no corpo.

... A revista Górgona, assim como tudo que faço com o Hub Górgona, é um trabalho gratuito. Criei uma comunidade sempre aberta a novos participantes e meu maior objetivo é compartilhar tudo que sei sobre as muitas faces do trauma e como escrever sobre todas elas.

Colocar esta primeira edição no ar foi mais importante do que achar o formato ideal desde o início. Publicar as criações literárias de autores iniciantes e independentes, abrir espaços, usar a plataforma que tenho para encorajar outras pessoas, espalhar conscientização sobre o trauma, estimular a escrita bem desenvolvida dentro do tema, tudo faz parte do que desejo e coloco em prática.

... Aproveite os poemas, contos, colunas e entrevistas desta primeira edição. Ela foi construída com muito afeto.



Jarid Arraes é autora de obras traduzidas para francês, espanhol, italiano e inglês, publicou o romance *Corpo desfeito* e o premiado livro de contos *Redemoinho em dia quente*, vencedor dos prêmios Biblioteca Nacional e APCA, além de finalista do prêmio Jabuti. Jarid é mentora de escrita, criou o Hub Górgona e ministra cursos como *Escrevendo o Trauma*. Também é autora dos livros de poemas *Caminho para o grito* e *Um buraco com meu nome*, da coletânea *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*, de *As lendas de Dandara* e da obra infantil *Cordéis para crianças incríveis*. Atualmente vive em São Paulo (SP).

VÍNCULO

Gislaine Moraes

grito *mãe mãe mãe*
no escuro ando
corro do escuro
corro pra escada do prédio
grito *mãe mãe mãe*
volto pro escuro
na janela do quarto
seu corpo esquecido
na boca fumaça
na janela o sumiço
no chão as cinzas
pisadas

silêncio mãe

a esposa
vagava
a mãe
variava
pretérito imperfeito contínuo
no meu presente ainda
mais que imperfeito
fico no escuro

e v i t o
janelas abertas
e as portas são fechadas por mim
para evitar as escadarias de emergência
parto primeiro
viro fumaça



INFUSÃO COR-DE-ROSA

Marilise Mônaco

A primeira criança em quem bati tinha três anos. Ela era a mais nova da creche e mais bonita. Uma japonesinha com franja recortada muito acima da sobrancelha. Hoje eu diria criança asiática para soar mais esclarecida dos meus preconceitos, mas eu só tinha cinco anos, então, era japonesinha. Eu pensei: se eu se eu bater nela, ela vai chorar e eu vou poder encostar as costas da minha mão em sua testa e ver se ela está doente e fazer carinho nas bochechas rosadas e encher de beijinhos e então, ela vai me amar. Essa era minha lógica, o que eu conhecia.

Eu me lembrei dela assim que o tec toc marcado pelos passos da médica se aproximou da porta do consultório com a papelada em punho para noticiar que, pela oitava vez, a fertilização in vitro falhou. Agora a ovodoação era única opção viável para eu gestar um bebê. Pelo que entendi, um óvulo de outra mulher seria fecundado com o espermatozoide do meu marido e grudado na parede do meu útero para se alimentar do meu sangue, com o que restava de mim.

Eu pensei que poderia escolher o óvulo como num catálogo, como nos filmes em que mulheres optam por um filho independente e ficam na dúvida entre o espermatozoide de 1,90m que jogou baseball no colégio ou o de olho azul que se formou em Harvard.



Mas não, Hollywood. Com óvulos, aqui a regra é outra. Altruísta e com concordância fenotípica. O mesmo tipo sanguíneo, a pele despigmentada e olhos de diarreia. A progressiva platinada, água oxigenada volume 40, unha acrígel e a sobancelha fio a fio, nanopigmentada. Mas sem aquelas costelas à amostra, as coxas internas flácidas, o peito esquerdo mais murcho que o outro. Sem o desvio de septo, sem os óvulos enrugados e sem as marcas nos pulsos. Assim funciona melhor a concordância fenotípica. Não é lei, mas recomendação ética, da ANVISA e do Conselho Federal de Medicina, normativa pra reprodução assistida. Assim, o embrião se assemelha àquela sem vínculos genéticos e reduz desafios psicológicos, mesmo meu marido sendo preto.

Por trinta e oito semanas eu ia cuidar dela como se fosse minha. Eu ia montar enxoval em Miami, fazer chá revelação e foto em estúdio mostrando a barriga. Eu ia falar coisas do tipo, nossa, olha o tamanho do meu tornozelo. Eu ia escolher o nome, um nome de menina. Qual era mesmo o nome dela?

Eu lembrei que depois que eu bati na japonesinha, ela não usou o chinelo, ela usou salto agulha. Eu era a barreira do som. O tec toc morria em mim, como o zumbido da abelha morre depois que ela pica. No final, vi o que parecia um enxame de abelhas mortas em mim, perfurada do bumbum ao pescoço. Depois, ela embebeu algodão numa infusão cor-de-rosa, nuvens mornas de açúcar gentis. Ela abotoou meu pijama, a cada botão um beijo, e vestiu minhas meias de um jeito que só ela.

Ela ia me gerar estrias, melasma, hemorroidas e mais marcas nos pulsos. Ela ia me obrigar a comer, me fazer engordar e ajoelhar de novo na privada pra botar pra fora essa veracidade. Ela ia me dar dor nas costas, do bumbum ao pescoço, do fim ao começo, de novo e de novo. E pontapés pontudos, agulhas de dentro pra fora. Ela ia sim. Sangue do meu sangue. Por isso, depois de tudo, tomei o medicamento e me deitei na banheira de água e espuma rosa morna. Naquela infusão vazia, me lembrei do nome dela.



Marilise Mônaco é escritora e jornalista. Com pós-graduação em jornalismo cultural e MBA em comunicação corporativa, embarcou em cursos e oficinas com nomes como Marcelino Freire, Socorro Acioli e sua mentora, Jarid Arraes. Também é integrante do Escrita Matinal, grupo criado por Liana Ferraz. Publica contos e microcontos em antologias e revistas literárias. Marilise mora em São Paulo com seu marido e seus três doguinhos.



TRAUMA EM ESCRITA LIVRE

DISSOCIAÇÃO E O SENSORIAL

Os textos a seguir foram escritos durante um dos encontros gratuitos das nossas sessões de criação literária chamadas *Trauma em escrita livre*. Unindo proposta temática e técnica de escrita, as produções falam sobre experiências de dissociação relacionadas ao trauma e exploram elementos sensoriais.



SEGUNDA PELE

Carol Schäfer

Ok, precisava ir ao banheiro, não tinha jeito. Olhou por cima dos ombros para os dois lados, certificando que ninguém estava olhando. Levantou-se, a manga do casaco engatada no braço da cadeira. Tremeu quando percebeu o puxão no braço e, um pouco sem jeito, puxou a manga e ajustou o casaco, que fechou ao redor do torso com firmeza. Pensou ser interminável aquele percurso, o corredor se alongando à medida que seus passos não davam conta da distância percorrida. Finalmente chegou à porta do banheiro que, por sorte, estava destrancada. Entrando na cabine, olhou para trás antes de fechar a porta. Suava frio e nem sabia o porquê. Estava apertada, foi direto sentar. Ao tirar a meia calça, uma onda de arrepios percorreu seu corpo inteiro. Não conseguia fazer outra coisa senão relembrar. Uma imagem se formou ao encarar as pernas desnudas; não tirara a meia calça somente, tirara junto sua pele, formada por grandes cascas de ferida e que, agora, ficaram somente carne e sangue. Ouviu uma batida à porta, mas não conseguia se mexer, muito menos responder. Seus olhos fixados nos joelhos dobrados imaginavam eles em puro músculo, e a poça de sangue crescia aos seus pés enquanto ela se esvaziava de si mesma.

As batidas na porta cessaram. O coração acelerado. As mãos agarradas às coxas. As coxas roxas com a marca de seus dedos. O peito pulsava rapidamente, mas o ar era respirável novamente. Lembrou onde estava, enrolando o papel higiênico na mão direita num movimento automatizado. Levantou com dificuldade e custou a recolocar a meia-calça, mas no fim ajustou a blusa por dentro da saia e se posicionou em frente à pia para lavar as mãos. Encarou o espelho por alguns segundos antes de derramar algumas lágrimas. Pensou que havia superado aquilo, mas agora, mais do que nunca, estava evidente que precisava fazer alguma coisa.



Novas batidas na porta a fizeram dar um pulo. Conseguiu soltar um “já vai” com a voz um pouco embargada. Precisava sair dali. Disparou porta afora e foi direto para seu cubículo, onde deixara a bolsa e o celular. Sem desligar o computador agarrou seus pertences e saiu em disparada, ignorando os olhares confusos dos colegas que cochichavam. Foi de escada, o elevador seria como uma prisão. Passou pelas portas largas do hall de entrada e se deparou com um dia ensolarado, o sol ofuscando os olhos semicerrados. Cogitou parar um táxi, pedir um carro de aplicativo, mas percebeu que estar ao ar livre era libertador. Observou o movimento da rua, percebeu os cheiros misturados da cidade e ouviu a poluição que se acumulava. Precisava seguir, não podia permanecer ali. Olhou para os lados e percebeu uma brecha. Se atirou entre os carros e uma buzina soou perto demais. Do outro lado da calçada, assustada pelo que acabara de fazer, recuperava o fôlego quando ouviu uma voz distante:

— Sandra, você tá bem? Que loucura, se meter no trânsito assim!

Não saiba o que responder. Como, nessa hora, em pleno horário comercial, encontrava Lúcia, sua vizinha?

— Eu tava numa consulta aqui perto, não sabia que era por aqui que você trabalhava... Sandra? — perguntou Lúcia, os ombros encolhendo de preocupação ao notar a expressão vazia de Sandra. — Vamos, por que não sentamos um pouco? — perguntou, apontando pro banco de um café.

— N-não... — balbuciou Sandra, insegura.

— Tá tudo bem, eu peço um café. O quê que aconteceu com você?

Não sabia o que dizer, não tinha palavras que pudessem explicar. Após uma pausa, sentada de frente para Lúcia, tomou fôlego. Firmou os pés no chão, sentiu o corpo sobre a cadeira e as mãos sobre a mesa. Ergueu o rosto.

— Acho que preciso de ajuda - disse, e sentiu alívio quando Lúcia segurou sua mão.



ACIDENTE

Enzo Santana Macedo

Cortei a ponta dos dedos enquanto fatiava o bife para o almoço. Tentei estancar o sangue e sujei um pano de prato já encardido. Fui ao banheiro lavar a mão, como se adiantasse de algo. A água fria aliviou a dor, só para em seguida o esfrega-esfrega piorar tudo. Procurei em vão um curativo: nunca tinha. O jeito foi improvisar com algodão e um nó de fio dental.

Olhei minha obra de arte por um tempo até perceber que eu não tinha como preparar o almoço naquelas condições. Senti outra vez aquela impotência.

Sei lá como, o sangue deu um jeito de escorrer e sujar tudo, meus braços, meus ombros, minhas pernas. A visão me fez enjoar. Surgiu no meu estômago um aperto que a respiração pesada não melhoraria.

Cadê minha mulher?

Rodei a casa toda atrás dela, até cansar e sair pra pegar o carro. Quis procurar minha esposa, onde quer que ela estivesse.

Então eu puxei o ar fundo e percebi: não tenho mais carro. Agora eu moro sozinho.





ENGASGO

Vanessa Strelow

Eu decidi sair com as meninas. Ontem. Eu tava cansada, mas elas insistiram, vamos, vai ser legal, não vai ser a mesma coisa sem você, vamos, vamos dançar como se tivéssemos 20 anos, você dança tão bem, você gostava tanto de dançar. Eu danço bem. Eu gostava tanto de dançar. Então eu fui.

Estava tudo indo bem. A música era alta, muito alta, de um jeito bom. A música era tão alta que entrava na minha cabeça e expulsava todo o resto que passava por lá e eu não pensava em mais nada nada nada só na música e o meu corpo tremia, vibrava e acompanhava, sem precisar pensar. Eu estava feliz, eu acho. Talvez. Não sei se ainda sei como é feliz.

E aí veio aquele cheiro. Um cheiro madeira suor asco. Um cheiro couro corda dor. Um cheiro âmbar metal sangue. O cheiro virou gosto. Gosto de sangue na minha boca, e eu me senti sufocar, tive certeza de que ia me afogar em sangue, no meu sangue. Tudo o que eu queria era tirar todo aquele sangue de dentro de mim.

Quando acordei no banheiro, a Laura estava me segurando de lado para que eu não engolissem meu vômito.

ARREBATADA

Karine Pessôa

Mais um sábado na casa da irmã Genimara. A casa estava cheia, fui com as crianças e Fábio. Chegamos em cima da hora. Irmã Genimara já com o pandeiro na mão cantando corinhos de fogo. A gente acompanhava com as palmas. Ela tinha uma voz poderosa e sozinha com o pandeiro fez o fogo descer.

Terminado o momento do louvor, Rogério começou a oração. Há algum tempo eu buscava o batismo com o Espírito Santo, queria ser marcada pelo poder, ter minha experiência com Deus. Muitos glórias e aleluias. Meu rosto ardia no calor de janeiro em Nova Iguaçu. Pedia com fé meu batismo. Meus olhos fechados apertados, encontrar Deus era o que eu queria. Perdi o controle do meu corpo. Havia caído no chão. Irmã Genimara gritava em línguas estranhas. Eu a enxergava de cima com um lençol nas mãos cobrindo minhas pernas. Eu parecia adormecida ali no chão. As pessoas se exaltavam, muitas oravam em voz alta e outras falavam em línguas. Eu assistia a tudo, como se estivesse vendo um dos jograis da igreja, Quando o clima arrefeceu, acordei.

Irmã Genimara me ergueu e me abraçou. As pessoas me sorriam acreditando que eu havia sido arrebatada. Envergonhada, fechei os olhos e glória e aleluia.



CONVENÇÕES FAMILIARES

Camilly Câmara

Eu não queria ir,
Mas precisava

[Por que mesmo?

Outra reunião de família
Outra encenação de propaganda de margarina
[Quanta mentira!

Engasgava sorrisos
Tensionada a agradar
Como uma perfeita boneca de plástico
Minha mãe sentou à cabeceira da mesa
Suntuosa e silenciosa como uma serpente
[Dissimulada em bem-quereres

Mãe tilintou na taça

[Por que eu ouvi o som de uma chinelada?

De repente, o relógio da sala de jantar começou a martelar minhas têmporas:
TIC TAC TIC TAC TIC TAC

Descompassou meu coração defensivo,
Enquanto a minha respiração ra-re-fa-zia-se

A mulher que eu deveria amar tinha a atenção de todos, como sempre
Solene, ela me lançou aqueles olhos miúdos e foscos:

“Resolveu dar às caras, Carla?”

Congelada, eu ansiava a fuga

Ao mesmo tempo em que ansiava revirar a mesa

“Cante vitória sobre os cacos, Carla”

[Não, não, não, não

Crianças ingratas não devem responder com grosseria

Disso eu lembrava graças aos tapas,

Enfiei as unhas nos braços sob a mesa até a dor me fazer reagir

Desenhei um sorriso como um corte de faca em meu rosto

Recitei docemente: “Feliz dia das mãos”

enquanto sentia o sangue escorrer de minha boca ingrata.





SÍFILIS

Gabriela Soutello



morango congelado batido com o pó do remédio que cura
talvez

eu esteja assistindo, cúmplice
ao abuso de uma criança
essa criança depois vai
mijar em mim

me deixar
também doente
- me olhar
não consegui salvá-la

a despersonalização

essa roda, esse
movimento
dizendo que dá
dá, sim

essa criança nunca
saiu de mim

A person wearing a long, flowing white lace dress with long sleeves and bell cuffs is walking barefoot through tall, green grass. The person is captured from the waist down, moving towards the right. The grass is dense and reaches up to the person's knees. The lighting is warm, suggesting late afternoon or early morning, with long shadows cast across the grass.

POSSESSÃO E REBELDIA

Amanda Guimarães



Discutir filmes clássicos é desafiador porque transmite a sensação de que tudo o que poderia ser dito já foi dito. Em um gênero como o horror, por vezes, os comentários se assemelham a uma busca por peças escondidas. Quase uma tentativa de validar a análise encontrando algo surpreendente e que, ao mesmo tempo, sempre esteve ali.

Com um longa tão direto quanto *O Exorcista* (The Exorcist, 1973) seguir esse caminho é um exercício particularmente bobo: tem-se uma garota possuída, um padre em crise de fé e uma mãe desesperada para salvar a filha. Logo, qualquer extrapolação soa como uma “negativa” do que vemos em tela ou das intenções de William Friedkin e William Peter Blatty, respectivamente, o diretor do filme e o autor do livro que inspirou o roteiro.

Para Blatty, a narrativa tinha uma moral clara: se podemos admitir a existência do Mal e acreditar que Regan MacNeil (Linda Blair) estava possuída, podemos admitir também a existência do Bem - ou de Deus -, que ganha corpo no sacrifício do Padre Karras (Jason Miller). Embora Friedkin tenha uma visão menos religiosa e binária da sua criação, algo que se reflete nas suas escolhas formais, o diretor chegou a comentar que as análises de cunho sociológico do longa sempre lhe provocaram risos porque nunca existiu a intenção de tecer um comentário político ou inserir qualquer tipo de subtexto em *O Exorcista*.

Entretanto, o subtexto é inerente ao horror. Menos como alguns realizadores insistem em usá-lo atualmente, transformando o recurso em algo que “eleva” as suas tramas e as separa da cultura de massa, e mais no sentido de que tudo aquilo que joga com o Absurdo - a mola propulsora do cinema de gênero - é passível de diferentes leituras. Além disso, nada existe descolado de um contexto e, muitas vezes, os produtos culturais surgem como uma reação aos tempos.

“O subtexto
é inerente
ao horror.”

No caso do cinema de horror estadunidense dos anos 1970, diversos aspectos impactaram a maneira de contar histórias. O primeiro deles foi a suspensão do Código Hays. Assim, se antes o Monstro ocupava castelos em locais distantes, a partir de 1968 a ameaça foi definitivamente deslocada para as cidades, algo visível em *O Exorcista*, cuja ambientação é Georgetown, um bairro de Washington repleto de construções charmosas e sede de uma universidade de prestígio. Essa aproximação com o que é reconhecível torna a possessão mais desconcertante porque mostra que o Mal pode habitar o coração de uma comunidade tradicional.

É interessante pontuar também que a década de 1970 foi marcada por tensões geracionais. Por exemplo, a Guerra do Vietnã motivou diversos protestos da juventude, que via o alistamento obrigatório como uma prova do autoritarismo dos adultos. Isso aparece em uma sequência de *O Exorcista*, quando a mãe de Regan está gravando uma cena do seu novo filme. À primeira vista, a intenção parece ser retratar Chris (Ellen Burstyn) como uma mulher que tem uma carreira - algo que, supostamente, a afastaria da filha e abriria caminho para Pazuzu. Porém, o filme-dentro-do-filme nos oferece elementos capazes de antecipar os horrores que virão.

Em tradução livre, o seu título, *Crash Course*, significa rota de colisão, algo que pode ser entendido de muitas maneiras, do embate entre Bem e Mal às dúvidas do Padre Karras sobre a veracidade da condição de Regan. Foi também essa sequência que fez com que Stephen King caracterizasse *O Exorcista* como um “filme de terror social por excelência” em *Dança Macabra*. Para ele, o longa foi produzido em um contexto no qual as tensões entre adultos e adolescentes haviam chegado a um ponto crítico e qualquer espectador seria capaz entender que Regan MacNeil “responderia com entusiasmo às palavras de ordem de Woodstock”. Assim, a possessão representa um ato de rebeldia.



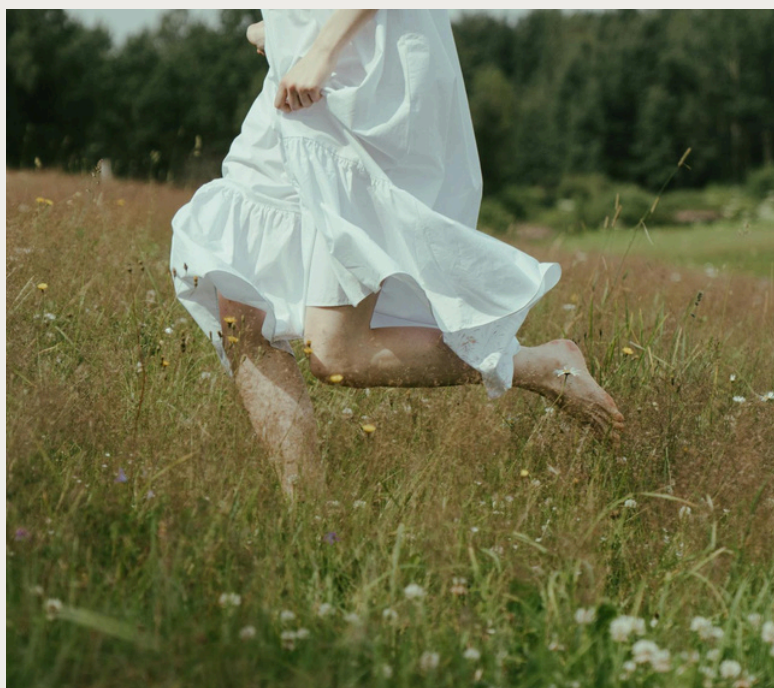
A visão de King abre espaço para que a presença de Pazuzu seja entendida de uma maneira menos direta do que Friedkin e Blatty pretendiam. O autor expande o seu raciocínio destacando que *O Exorcista* dialogava com “pais que sentiam que estavam perdendo os seus filhos e não conseguiam entender o motivo”, algo que se conecta com a leitura apresentada por S. Trimble no ensaio *A Demon-Girl's Guide to Life*. Nele, a autora pontua que o fato de o filme ter sido lançado em um contexto de crise econômica e insurgência de movimentos sociais fez com que ele colocasse o dedo em diversas feridas estadunidenses. Afinal, retratava uma garota branca corrompida e atacava medos patriarcais na medida em que Regan “colapsava os limites entre Eu e o Outro e trazia o demônio para o mundo dos homens”. Trimble também argumenta que ver a personagem de Linda Blair se metamorfoseando provavelmente lembrou à sociedade das jovens envolvidas com Charles Manson, mais especificamente das suas imagens durante o julgamento, com um X entalhado na testa. Para a autora, isso transforma Regan em um “presságio ruim”, em uma prova de que mulheres precisam ser mantidas na linha para evitar que o Mal perturbe a ordem imposta por homens brancos, hétero e cis.



“Mulheres precisam ser mantidas na linha para evitar que o Mal perturbe a ordem”

Desse modo, o sujeito liga os nossos alertas pela primeira vez quando Chris e Regan estão falando sobre o aniversário da menina e ela insinua que sua mãe pode convidar Burke, já que os dois estão juntos - algo que Chris se apressa em negar. Esse trecho serve para que a gente se pergunte, entre outras coisas, de onde Regan tirou essa ideia e qual o nível de contato que tem com o diretor. Indo além, a primeira vez que a personagem manifesta publicamente os sintomas da possessão é na noite da festa, uma cena na qual Burke pouco é visto. Porém, na versão literária, descobrimos que depois de causar uma série de desconfortos e algumas brigas, Dennings foi colocado no escritório para dormir e as demais pessoas voltaram para a sala da casa. O que se segue a esse acontecimento é um dos momentos mais desconcertantes de *O Exorcista*: Regan desce as escadas, diz a um dos convidados que ele vai morrer e, seguidamente, urina no tapete.

De acordo com o Children's Hospital of Richmond, a regressão a comportamentos infantis é um sintoma comum de abuso sexual, bem como a enurese. Outras características mencionadas pelo site da instituição são agressividade, perturbação dos padrões de sono e dificuldades na escola, traços facilmente verificáveis em Regan. Portanto, não é uma coincidência que Burke seja a primeira "vítima do demônio". Além disso, o seu assassinato traz o detetive Kindermann para a história e ele é o responsável por revelar que Dennings esteve sozinho com Regan em pelo menos uma oportunidade. Então, se pensamos que a linguagem sexualmente explícita aparece na consulta médica que se segue a estes eventos e que uma das personalidades assumidas pelo demônio é a do diretor, temos uma teoria sólida, ainda que inexplorada pelo filme e pelo livro, visto que o objetivo do texto de Blatty, que também assina o roteiro do longa, sempre foi falar sobre fé.





Ao explorar as mudanças comportamentais de Regan no seu romance, William Peter Blatty preferiu seguir pelo caminho da culpa: a menina se via como um dos motivos para a separação dos seus pais e isso desencadeou o sofrimento psicológico que a aproximou do tabuleiro de ouija, artefato utilizado na comunicação com Capitão Howdy. Embora no filme o nome do pai de Regan não seja mencionado, no livro descobrimos que ele se chama Howard, o que é bastante próximo do “amigo imaginário”. Isso se torna ainda mais interessante quando pensamos no único vislumbre do sujeito que Friedkin escolheu oferecer ao público: uma cena na qual Chris grita com uma operadora de telefone que não consegue localizar Howard no dia do aniversário de Regan enquanto a menina escuta tudo, visivelmente chateada. Independente da chave de leitura, tanto a culpa quanto o sentimento de rejeição são os responsáveis por tornar a protagonista vulnerável o bastante para que o seu corpo seja tomado.

À luz dessas questões, vale relembrar uma das últimas sequências de *O Exorcista*. Quando o padre Dyer aparece para se despedir, Chris conta a ele que Regan não se lembra de nada do que aconteceu, o que pode ser lido como dissociação. De acordo com um artigo de Marcelo Kimati Dias e José Luiz do Santos, este é um sintoma comum a pessoas que viveram eventos traumáticos. Na psiquiatria, o conceito é datado do século XIX e foi desenvolvido por Pierre Janet através de observações clínicas. Por meio das suas análises, o psiquiatra descreveu um fenômeno no qual o trauma torna algumas lembranças inacessíveis à consciência. Em alguns casos, como no apresentado por Dias e Santos, a dissociação pode se manifestar em contextos religiosos, inclusive no caso da possessão.


Se a consciência dos eventos vividos é aquilo que articula uma narrativa entre subjetividade e papel social, a dissociação representa a perda de continuidade e, portanto, uma quebra de experiências que, segundo Dias e Santos, “inclui alterações de identidade, da relação com o outro e da memória”. Desse modo, os sujeitos são reconstituídos pelo trauma.

Uma vez que a cena com o Padre Dyer representa o final de *O Exorcista*, é relevante comentar a respeito da sua sequência infame, *O Exorcista II: O Herege* (The Exorcist II: Heretic, 1977), na medida em que esse filme nos oferece algumas respostas.



“Regan não se lembra de nada do que aconteceu, o que pode ser lido como dissociação.”

O longa se passa quatro anos depois do clássico de 1973 e nos mostra Regan MacNeil com 16 anos. A personagem aparenta estar bem, mas é acompanhada por uma terapeuta que acredita que ela carrega traumas psicológicos decorrentes do exorcismo. Durante as sessões, é descoberto que Regan possui uma ligação psíquica com Pazuzu, ainda que agora seja capaz de resistir às tentativas do demônio de tomar o seu corpo. Em paralelo, um padre é enviado do Vaticano para investigar as circunstâncias da morte de Padre Merrin (Max Von Sydow) e, através da hipnose, ele ajuda Regan a acessar memórias reprimidas, transformando-a numa peça-chave da batalha espiritual que acontece no longa. Agora, a garota não é somente uma vítima, mas alguém capaz de resistir às forças do Mal.

A woman with long, wavy brown hair, seen from behind, is walking away on a grassy hill. She is wearing a white, short-sleeved, tiered dress. The background is a clear blue sky.

Conforme o clímax de *O Exorcista II: O Herege* se aproxima, Regan MacNeil retorna à casa de Georgetown e, mais uma vez, Pazuzu tenta se manifestar. Então, a personagem parece se fragmentar: de um lado, tem-se a jovem que tenta se libertar; do outro, o demônio, que seduz e manipula. Ainda que a casa seja destruída durante o embate, a protagonista escapa, demonstrando que consegue se afirmar contra Pazuzu, um simbolismo óbvio para a possibilidade de transformar trauma em poder a partir da agência.

Então, quando retomamos a sequência final de *O Exorcista* sabendo o que acontece depois do trauma, a cena serve para ilustrar algumas questões discutidas por Dias e Santos. Os autores destacam que é possível criar uma narrativa posterior à dissociação por meio de relações com “instituições e sistemas imperativos, como no caso da psiquiatria”. Isso faz com que o evento traumático seja construído e desconstruído de diversas formas, passando por uma ressignificação e levando o sujeito à reintegração. Assim, a amnésia de Regan é algo que assegura ao público que a normalidade retornou, o que se conecta com a vontade de William Peter Blatty de dar à audiência um “final feliz”. Porém, quando olhamos para isso focando na trajetória completa da protagonista, temos um todo mais coerente com os comportamentos apresentados por vítimas de traumas e episódios dissociativos.

É provável que Regan MacNeil nunca mais seja a mesma que vimos nas primeiras cenas de *O Exorcista*. A ambiguidade presente na cena final, inclusive, serve para reforçar estes aspectos. Ainda que ela abrace o Padre Dyer, insinuando um retorno à pureza infantil, a sua reação diante da medalha do religioso, a mesma usada por Padre Karras, sugere uma memória inconsciente. Desse modo, embora Blatty tenha falado sobre o abraço como um reconhecimento do sacrifício que a salvou, para quem assiste, algo está deslocado e o ciclo não se fecha, deixando no ar a ideia de que o Mal, ou o trauma, não é algo que se vence completamente sem um confronto direto. Daí a importância de considerar *O Exorcista II: O Herege* neste tipo de análise: ainda que o abandono da casa arruinada de Georgetown seja uma metáfora óbvia, é ela quem indica o fechamento da história. Regan só pode ser uma pessoa liberta do trauma através da reintegração e da recuperação das suas memórias, não por meio de uma espécie de “fuga” que soterra por um tempo os efeitos da experiência vivida.

INTIMIDADE

Charlene Moraes

Alcança
a própria pele
o próprio asco

deita no cheiro seu
desmanchando em gosto
dos próprios lábios

sossega os pelos todos
erigidos
e
acalma suas entranhas

molha seus olhos
salgando narinas,
queixo e
pescoço

abraça todos os seus dedos
anelando pernas
e
tronco

enrosco de si mesmo
na própria intimidade
assim



ESPECIALISTA

ENCONTRAR PALAVRAS PARA A SENSAÇÃO

com Kelly Linhares Severino



Necessidade de lembrar Necessidade de esquecer

Na clínica do traumático, muitos pacientes chegam ainda na infância ou adolescência, geralmente em meio a processos jurídicos delicados. Esses casos vêm encaminhados de órgãos públicos, como o Conselho Tutelar. O maior desafio do paciente costuma ser lidar com o sentimento de culpa — tanto da vítima quanto da família, que se vê dividida entre proteger e temer o confronto com a verdade.

Já entre adultos, o trauma frequentemente se manifesta de modo indireto: buscam terapia por ansiedade, depressão, dificuldades nos relacionamentos ou sensação de vazio, e aos poucos as lembranças do abuso emergem, quando o vínculo terapêutico oferece segurança. Nesses casos, existe a “necessidade de lembrar e a necessidade de esquecer”, como nos ensina a psicanalista Anne Alvarez.



A partir desse ponto, o trabalho se torna um mergulho no que Ferenczi chamou de linguagem da ternura e da paixão. Ele foi um dos primeiros psicanalistas a propor uma ética do cuidado que ultrapassa o campo técnico: o psicoterapeuta deve estar emocionalmente presente, autêntico e implicado.

A linguagem da ternura pertence à infância, aos vínculos seguros e protetores; a linguagem da paixão surge mais tarde, no desejo e na sexualidade. Quando há confusão entre essas linguagens — como nos casos de abuso sexual — o sujeito experimenta uma violação que desorganiza profundamente sua confiança e sua forma de amar. Parte do trabalho terapêutico é restaurar essa distinção, reconstruindo o espaço onde o cuidado pode existir sem ameaça.

Nos casos de abuso sexual, observo com frequência dois mecanismos de defesa do ego: a dissociação e a desmentida.

A dissociação é uma forma de proteção psíquica: o sujeito se desconecta da experiência traumática para suportar o insuportável, como se o corpo e a consciência deixassem de habitar o mesmo instante — existe um lado que sabe (inteligente, racional) e outro que sente (sensível). É como se a parte que tem consciência do trauma precisasse se dissociar, ficar reservada num canto (preservando o sujeito da psicotização), para que a pessoa possa seguir a vida, trabalhar, estudar.

Já a desmentida é o mecanismo pelo qual o psiquismo nega a realidade da violência, por não conseguir suportar sua verdade, criando outras versões para o mesmo fato. Ambos preservam o sujeito em um primeiro momento, mas também impedem a elaboração. O processo terapêutico busca justamente costurar o que foi separado, permitindo que corpo e palavra se reencontrem.

Suportar a verdade.



Na psicanálise vincular, compreendo que a perversão não é uma patologia singular; é preciso considerar o contexto. O trauma não é entendido apenas como algo individual, mas como uma herança emocional transmitida entre gerações. Fala-se em três gerações do trauma:

1ª geração – Inominável: aquela que vive diretamente o trauma ou abuso. A experiência é tão avassaladora que não encontra palavras ou elaboração psíquica possível.

2ª geração – Cripta: os descendentes carregam esse segredo não dito. O trauma fica “enterrado” em uma cripta psíquica, atuando como um conteúdo encapsulado, não simbolizado, mas transmitido.

3ª geração – Indizível: aqui surgem os efeitos da transmissão psíquica transgeracional. O trauma retorna como algo que não pode ser dito, mas se manifesta em sintomas, repetições, ou mesmo no modo de se relacionar.

Transformar silêncio em sentido.

Romper o silêncio é, portanto, um gesto de liberdade. Falar sobre o trauma é o primeiro passo para quebrar o ciclo de repetição da violência nas próximas gerações e abrir espaço para uma nova forma de viver.

A escrita sempre me acompanhou, mas nos últimos anos ela ganhou um novo espaço — tenho me aproximado da literatura de modo mais consciente, com práticas diárias. Escrever é uma forma de dar corpo ao que é da ordem do indizível, de transformar dor em palavra e silêncio em sentido.

Na clínica, acontece um movimento semelhante: o sujeito começa a encontrar palavras para o que antes era apenas sensação, sintoma, corpo. A escrita e a psicoterapia se encontram nesse ponto — ambas são possibilidades de elaboração e reconstrução. Caminho, agora, também como escritora, e percebo que essa travessia amplia o olhar, tornando a escuta ainda mais humana.

Acredito que cada processo clínico é uma travessia em direção à vida — o reencontro com a confiança, com o corpo e com a palavra. Ferenczi dizia que o verdadeiro cuidado nasce do encontro humano, e é nesse encontro que coloco minha prática. A escuta sensível e o compromisso ético com o sofrimento do outro permitem transformar o silêncio em narrativa e a dor em possibilidade. Romper o silêncio é também escrever um novo começo.



Kelly Linhares Severino é psicóloga clínica e jurídica, com especialização em infância, adolescência, vínculos (casal, família e grupos) e psicopatologia. Atua no cuidado de pessoas atravessadas por experiências de trauma, especialmente situações de abuso sexual e incesto. Quando há denúncias de abuso ou violência, seu trabalho se faz também em enlace com o Judiciário, mantendo o foco em um cuidado ético, reparador e sensível à singularidade de cada sujeito e de seus vínculos.

(48) 984179924 / site/ / [@psicologa.kellylinhares](https://www.instagram.com/psicologa.kellylinhares)

BRINQUEDOS

Claudia Jordão

— *Conto do livro Elas, meninas*



Clarinha estava sentada em cima das pernas, balançando o corpo pra lá e pra cá, enquanto aquele rosto, embaixo da franja escorrida na testa, ia queimando e ficando vermelho. Ela parecia estar em um mundo paralelo, sem sair do lugar.

Clara. Clarinha...

Eu chamava e ela, desconcertada, me pedia pra ir ao banheiro.

Não era comum que meninas de sete anos dançassem nas cadeiras, ou se balançassem em cima das pernas, ou ficassem se roçando em qualquer lugar, compulsivamente, como a Clarinha fazia.

Esse assunto é coisa da família, já conversamos com eles e já estão a par da situação, foi o que a diretora me disse quando levei o caso pra ela.

A primeira vez que a Clara sumiu, rodei a escola inteira procurando por ela. Pedi pra Mariana, professora do segundo B, ficar de olho na minha turma e fui até o banheiro do corredor, aonde ela me pediu pra ir. Não estava lá. Espiei no pátio, nas outras salas, na biblioteca, na cantina, e encontrei a Clarinha no banheiro da quadra. Ela estava sozinha, pingando litros e chorando. Fiquei assustada e não encostei nela. Fiquei parada, olhando pra ela, e por um instante não estava mais naquela escola. Minha testa ficou ensopada. Meu estômago apertou. A garganta secou. Respirei fundo e engoli seco cada fragmento de memória que saltou na minha vista.

Com calma, entreguei uma toalha de papel e pedi que lavasse o rosto. Olhei pra ela e não disse nada. Chorando, ela me pediu pra não contar pra ninguém. *Está tudo bem, pode confiar em mim*, eu disse, dando um sorriso leve, que deu conta de esconder meu choro esquecido.

Sempre que a Clara sumia, eu sabia onde encontrá-la: no banheiro. Sempre no banheiro. Da última vez, ela também estava lá, com o rosto queimando, a franja grudada na testa e muito cansada.

A menina é precoce, solucionaram.

Faz isso desde pequena, amarraram minha boca.

Eu também estava cansada e aquelas conclusões me incomodavam absurdamente, porque a Clarinha estava sozinha.



E sozinha, provavelmente, uma tia a levava pra casa aos finais de semana e, desde muito pequena, oferecia seus brinquedos a ela. A tia gostava de assistir a menina brincando. A tia ria com a franja molhada e com o rosto queimando da menina. A tia se divertia com a menina enlouquecida pelos estímulos que o brinquedo causava. A tia também gostava de brincar e depois a levava pra tomar banho: pra limpar seu suor, pra lavar seus cabelos, pra cuidar da menina que ficava molinha de cansaço. No banho, a tia sussurrava em seu ouvido que era segredo e que a brincadeira iria acabar se um dia contasse pra alguém. E, na abstinência daqueles brinquedos, ela usava qualquer coisa. Enlouquecida, fugia quando não mais aguentava e chorava porque aquilo não tinha fim. Aquilo nunca teria fim.



Eu supunha o que estava acontecendo com a Clara, porque aquilo nunca teve fim.

...

Depois da aula fui à delegacia. No dia seguinte, demitida por justa causa.

MENINAS QUE SÃO CASAS EM RUÍNAS





O trauma e a violência sexual contra meninas costuram os contos de *Elas, meninas*. Como surgiu a proposta do livro?

Claudia Jordão: A proposta de *Elas, meninas* nasce como desdobramento dos meus livros anteriores. Escrever sobre traumas, meninas e mulheres acompanha toda a minha trajetória no teatro e na literatura, como se a palavra fosse uma luz atravessando a escuridão da memória. Conteí minha história pela primeira vez aos 45 anos, depois de décadas guardando medo, culpa e vergonha. Quando passei a compartilhar esse processo, outras mulheres começaram a me procurar — em formulários, em cafés, em mensagens. É desse excesso, desse transbordamento, que nasce *Elas, meninas*. As histórias exigiam espaço, e a literatura se tornou o meio de narrá-las sem espetacularizar o horror. Meu interesse sempre foi criar uma literatura, que pudesse aproximar as pessoas de suas próprias histórias, abrir brechas para pensar o silêncio, a vulnerabilidade e as estruturas que sustentam a violência contra meninas e mulheres.

Quis escrever uma literatura que deixasse lacunas para que cada leitor e leitora preenchesse com suas próprias vivências, seus silêncios e compreensões, sem reduzir a dor a estatística ou número. *Elas, meninas* é, nesse sentido, um testemunho coletivo que denuncia a permanência de uma tragédia cotidiana e, ao mesmo tempo, uma tentativa de construir, pela palavra literária, um espaço de memória, consciência e resistência. É também um livro que se propõe a narrar a vulnerabilidade das nossas crianças. Chamar atenção para o que ainda persiste — porque não se trata apenas das mulheres que carregaram esse trauma ao longo da vida, mas também das meninas que hoje continuam expostas às mesmas violências.

O subtexto dos seus contos abre bastante espaço para que leitores imaginem e confabulem. Você planeja e dosa esse subtexto ou costuma percebê-lo depois de escrever?

Claudia Jordão: Penso que quando a literatura é escrita apenas para cumprir uma função, ela corre o risco de perder sua força poética. Acredito que a arte não nasce para ser útil, mas para dizer o indizível, para abrir caminhos. Ainda assim, *Elas*, *meninas* foi gestado de outro modo: ele carrega um compromisso ético com as mulheres que confiaram suas histórias a mim. Não foi apenas uma escolha literária ou teórica, mas um atravessamento profundo.



Eu também fui uma menina vítima de violência sexual, e, como tantas, guardei esse segredo em silêncio por décadas. Me ensinaram que era melhor esquecer, mas o corpo não esquece: o corpo é arquivo. A escrita foi, e continua sendo, a forma que encontrei de rasgar esse silêncio.

Neste livro, porém, não conto apenas a minha história. Conto a nossa. Histórias que chegaram de todo o Brasil, revelando uma realidade epidêmica. Segundo o IPEA, estima-se que ocorram mais de 820 mil casos de violência sexual por ano no país. Diante desse cenário, minha preocupação era transformar essas narrativas em literatura, mas garantindo a dignidade ética e estética que essas mulheres mereciam.

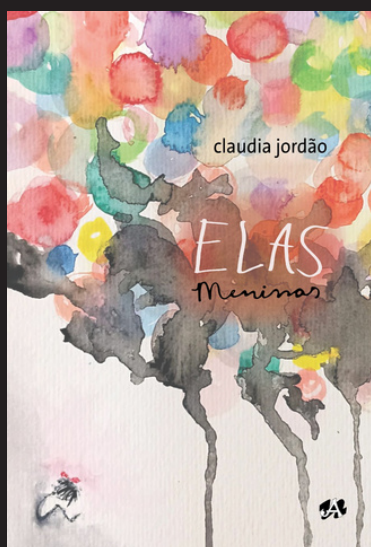
Ricardo Piglia, diz que todo conto conta duas histórias. A minha tentativa, não foi a de escrever histórias sobrepostas, mas deixar espaço para que a leitura se completasse a partir da coescrita de cada leitor. Mais do que denunciar, eu queria que o livro oferecesse respeito às mulheres que me confiaram suas vozes — e, sobretudo, abrir, entre as linhas, a possibilidade de encontro, escuta e convite para que outras vítimas saíssem do silêncio, pois a pergunta que tenho feito ao longo deste processo é: O nosso silêncio é conveniente pra quem?

Quais são os aspectos mais desafiadores da escrita literária sobre trauma?

Claudia Jordão: *Elas, meninas* apresenta histórias que transitam entre verdade e ficção — histórias que não são minhas, mas que poderiam ser. São narrativas que me conectam a essas mulheres por compartilharmos a mesma violência; assim, enquanto escrevia *Elas, meninas*, eu também me escrevia. Escrever sobre mim foi também me refazer, performar novas possibilidades de existência. Um dos maiores desafios, contudo, foi evitar que o trabalho se transformasse em literatura de autoajuda ou em vitimização. Queria construir uma escrita capaz de olhar para o trauma sem reduzi-lo ao lugar do sofrimento — uma literatura engajada não apenas na experiência pessoal, mas no diálogo político, ético e estético sobre violências historicamente silenciadas.

Ao escrever meus livros anteriores, fui identificando meus próprios traumas — geracionais, familiares, subjetivos — e o processo foi doloroso a ponto de adoecer o corpo. O corpo é sempre o primeiro a reagir. Mas, ao mesmo tempo, foi libertador perceber que eu podia questionar estruturas que, desde a infância, eu apenas obedecia. O gesto de narrar, ainda que nascesse do íntimo, só ganhava sentido quando se deslocava do subjetivo para o coletivo, do privado para o público, do pessoal para o político.

Por fim, agradeço imensamente por este espaço, por ser farol na escrita do trauma e por seu empenho e dedicação em tudo o que faz. É uma alegria e uma honra caminhar ao lado de mulheres como você. Obrigada por tanto, Jarid.



Entre as frestas do cotidiano e os segredos que ninguém ousa contar, os contos de *Elas, meninas* atravessam os espaços onde a violência se esconde, se repete e se disfarça de afeto. Nesta obra de Claudia Jordão, as palavras têm peso, têm corpo, carregam as marcas de uma infância sufocada pela solidão e por laços familiares corroídos pelo abandono e pela culpa. Cada história é um choque entre a inocência e a dureza do mundo, um embate entre a infância e a herança de dor que se arrasta por gerações. Mas este livro não se limita à denúncia. Ele também é uma busca incessante por humanidade, por frestas de amor em meio ao caos, por uma linguagem que nomeie o que nunca foi dito. E, acima de tudo, por vozes que finalmente se fazem ouvir.

NÃO FICA SEQUER SAUDADE

Ana Márcia Diógenes

O fio *escorre*
nas minhas costas
molha a blusa
não cheira a suor

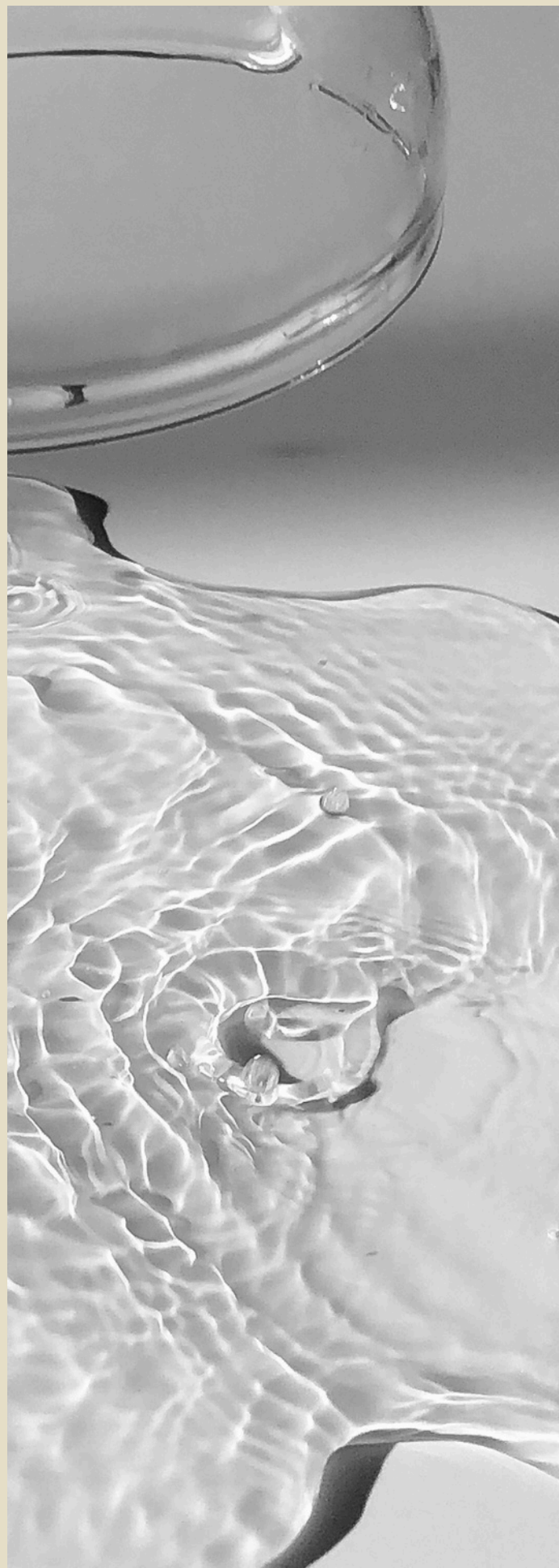
o sangue desce
em galope *ligeiro*
como minha decisão
de não ser mais covarde

o *medo* escondeu
os anos, as dores
as cores das ruas
refugiou-se na alma

cada encontro
um desencontro
rosto em desalinho
abanado em *tapas*

[escorre ligeiro o medo em tapas]

tentei todas as *línguas*
tua Babel era surda
fazia do grito a palavra
que saía do olhar



lingeries em lavanda
viraram trapos
na agulha dos dedos
do teu bruto dito amor

te descobri doente
na porta sem chave
no tímpano estourado
no meu olho com *sombras*

me sentenciei isolada
no celular quebrado
na tv sem controle
na posse *sem desejo*

*[as línguas viraram sombras sem
desejo]*

nos fetos sugados
nos seios sem leite
nas *madrugadas* acesas
o destino ficou travado

quase *sem respirar*
bebi toda minha vida
no copo furado
por tua insanidade

ainda simulei enganos
busquei desculpas
nas imagens amareladas
gastas pelo desencanto

pesadelos me acordaram
não havia mais sonho
nem eu mesma me amava
vida presa, *sem rumo*

*[madrugadas sem respirar nas
imagens sem rumo]*



primeiro eu *implodi*
boca sem fome
braços para o chão
coragem de vontade azeda

arranhei meu corpo
encomendei minhas cinzas
sequei todas *as vontades*
nas fotos dos álbuns

vi garras nas tuas mãos
senti esgotos nos beijos
náusea se revelando
no desejo de me curar

o quarto já não me cabia
a cama espetava a pele
eu enjeitava *no teu corpo*
o que havia me definhado

*[implodi as vontades, senti esgotos
no teu corpo]*

Renascida no cativeiro
entendi não ter saída
para *amor decadente*
tal doença sem cura

não ia haver conversa
com tua mente nervosa
rasa de emoções
perdida *em descontrol*e

Sem armas, *sem força*
juntei os garfos da casa
afiei as pontas, uma a uma
cravei nas tuas costas

na dor que corre em teu rosto
me vingo dos filhos apagados
da tua vida que dilui
não fica sequer saudade





*[amor decadente, em descontrole,
sem força, não fica sequer saudade]*

*escorre ligeiro
o medo
em tapas*

*as línguas
viraram sombras
sem desejo*

*madrugadas
sem respirar
nas imagens sem rumo*

*implodi as vontades
senti esgotos
no teu corpo*

*amor decadente,
em descontrole,
sem força,*

[não fica sequer saudade]

TRAUMAS RISOS E ADEREÇOS

Érica Jorge Carneiro



Sou professora e escritora. Fiquei pensando qual das duas profissões me fez entrar mais em contato com os traumas, os meus e os dos outros. É difícil porque a resposta variou em vários momentos.

Eu entro em contato com traumas de formas diferentes, mas afianço que a sala de aula me machuca mais, porque ali vejo escorrer sangue de crianças e adolescentes a olhos nus. Um personagem já me atazanou e me causou dores físicas, mas depois de processadas, elas cessam e posso fingir esquecê-lo ao fechar as páginas do livro e colocá-lo em uma estante alta, de difícil acesso. As crianças não. Eu volto para casa, trago-as comigo, lembro dos seus olhos, dos ombros encolhidos ou dos gestos de violência, almoço com essas lembranças, mastigo suas fisionomias, vomito a raiva que sinto dos familiares abusadores, controladores, elaboro estratégias de denúncias. Sonho com elas e, no dia seguinte, começa tudo outra vez.

Meus alunos riem da desgraça uns dos outros. Tenho um aluno de quase dezoito anos que mede 1,60 de altura. Mora com o pai e não consegue escrever uma única frase inteira. Foram anos de encaminhamento psicológico e pedagógico para, apenas recentemente, receber o laudo de deficiência intelectual. Seus pais não aceitavam e depois achavam que isso era balela de professor e que, “para apertar parafuso não precisaria tanta inteligência”. Os amigos dele o estimulam para que ele fale coisas do tipo “Cléber, fala milkshake de morango” e ele, alegre, responde “mikishape de morango”. “Cléber, fala que a Marcinha é uma delícia, que vai pegar nas coxas dela”. Ele repete. Todos riem, inclusive Marcinha. Cléber também. Todos da sala sabem que ele tem essa deficiência e, ainda assim, preferem caçoar. Uma das vezes em que fiz uma intervenção grave sobre isso, um aluno ao final da aula me disse “prô, larga a mão, aqui é o único lugar em que ele sorri”.





Elena é outra aluna que ganha os holofotes. Com catorze anos já se relacionou com homens vinte anos mais velhos, todos apresentados por sua tia. É órfã de pai e a mãe a violenta fisicamente. Elena tem cabelos lisos e castanhos que vão até a cintura, fios que parecem sustentar seu corpo magro. Ela não tem vergonha, ao contrário, narra suas histórias em voz alta, muitas das quais considerei serem ficções da mais alta criatividade, todas, porém, confirmadas pelo diretor. Elena rouba as frutas da escola, briga e ameaça as merendeiras. Quase perdeu a visão ao “grudar uma menina” na Festa Junina deste ano enquanto mães e pais jogavam bingo ou assistiam as apresentações de dança dos pequenos. Aprendi que grudar é um verbo polissêmico e, para os meus alunos, é tanto uma encoxada quanto uma briga pesada. Os alunos riem da tragédia de Elena. Ela, como Cléber, ri também.

Todos os dias a sala de aula me estapeia com a realidade de crianças e adolescentes que, tendo sido privados de condições mínimas de saúde, segurança afeto e higiene, são obrigados a amadurecer rapidamente. Vivenciam situações muito degradantes e sofridas as quais podem vir a compor traumas. Christian Dunker e Jarid Arraes recentemente gravaram um podcast sobre trauma e literatura. Nele, o psicanalista fez questão de lembrar como Lacan compreendia, poeticamente, o trauma (em francês *traumatisme*), cuja palavra seria composta por outras duas: buraco e verdade, em um movimento de repetição. O trauma te afunda num buraco onde você conhece a verdade. Você respira, sai do buraco e ele te arremessa novamente, num movimento contínuo de dor.

O trauma é uma resposta emocional a uma experiência estressante, violenta e impactante que a pessoa não consegue suportar, causando uma série de reações como perda ou fragmentação da memória, alheamento, medo, fobias, hiperestimulação, agressividade, letargia, isolamento social e revivência da situação traumática por meio de *flashbacks* ou pesadelos.

Na literatura especializada, o riso não aparece como uma das primeiras reações das pessoas traumatizadas, mas no meu contexto escolar, tenho notado que ele figura, disparado, no *ranking*. O riso é a expressão física do humor, o qual distancia temporariamente as pessoas da dor emocional, oferecendo um aparente alívio. Ele também é uma estratégia de escape, desarmando situações de vulnerabilidade e apresentando a pessoa com uma couraça impermeável às dores. Ao mostrar o que vive pelo riso, o jovem transforma “aquilo” em algo “menos sério” e passageiro, retomando o controle da sua narrativa.

O riso oferece certa interação social, dissipando entre os jovens as características de vulnerabilidade fruto de um trauma. Todavia, o riso nem sempre é positivo a longo prazo. É uma estratégia de sobrevivência e, às vezes, tudo o que nossas crianças e adolescentes precisam é sobreviver. Por um dia. Por mais um. E um. Mas vale dizer que o riso também pode atrapalhar o processamento emocional profundo, causando evasivas, distanciamento da pessoa com a sua própria realidade e retardando a compreensão do trauma em si.





Buraco da verdade. A verdade do buraco. As palavras se dão ao luxo de serem poetizadas, mas na carne viva, o trauma é bem mais feio. Encardido, sujo. Rasga, despedaça, destrói. Cléber e Elena são apenas dois de tantos alunos que, diariamente, enfrentam batalhas hercúleas para chegarem a um banco escolar e fingirem normalidade. Muitas histórias eu seria incapaz de registrar aqui, são da maior vileza do ser humano. Nossas crianças e adolescentes precisam ser protegidos pelo Estado e pelas famílias. A literatura também vem cumprindo um papel fundamental ao expor horrores e fazer com que essa faixa etária seja vista e compreendida como pessoas e, portanto, tenha seus direitos assegurados. Num mundo capitalista, quem não está produzindo e gerando valor não costuma ser cuidado, é mais um adereço. É o caso das nossas crianças e adolescentes. São tratados como um vir a ser, ainda não são. E nesse intervalo muita coisa pode acontecer. A lógica é a do desvio, quem deveria ser protegido, está sendo violado. Como “adereços”, crianças e adolescentes perdem a importância. Como adereços, podem ser usados, explorados, descartados, sem que se note a falta deles.

BOLA DE FOGO

Charlene Moraes

— Conto do livro *Bonecas ao vento*

Depois da aula enfadonha de estatística, precisava respirar. Os olhos subiam devagar enquanto esticava o pescoço, alongando e estalando todo o cansaço do dia quente. Arrepiou. Tinha uma bola grande e vermelha no céu desnudo, da sua cor natural. Tirou rapidamente a câmera fotográfica da mochila e capturou aquela imagem que mais parecia com a bandeira do Japão.

Aqueles dias emaranhados, suando sob o grande sol, condensaram seus miolos. Parou no primeiro posto de gasolina que avistou antes de pegar a estrada de volta, não tinha como prosseguir.



A visão, de repente, embaçou. Apavorada, desceu os vidros buscando oxigênio. Olhou rapidamente à sua volta, tentando identificar mais pessoas passando mal. O pouco que conseguiu alcançar gritou:

ALGUÉM ME AJUDA! Sentia a bola de fogo explodindo dentro do peito.

números

percentuais %

comparações

combustores

Internações por doenças respiratórias aumentaram quase 30% em comparação ao ano anterior.

Tendência segue crescente dos divórcios no Brasil, comparando ao ano de 2021.

Na maca, já medicada, orientaram-na a buscar ajuda psiquiátrica. Nada tinha de errado com a sua saúde física. Apesar de muitas pessoas estarem sofrendo pela secura do ar, os hospitais lotados pelos problemas respiratórios. O que tinha engolido nada tinha a ver com poluição.

Quem sabe, a bola de fogo que a afligia era a que estava acumulada há um bom tempo no céu da boca, a ponto de entrar em erupção.

Atmosfera da alma,

cheia de substâncias nocivas.

Abriu a porta do apartamento.

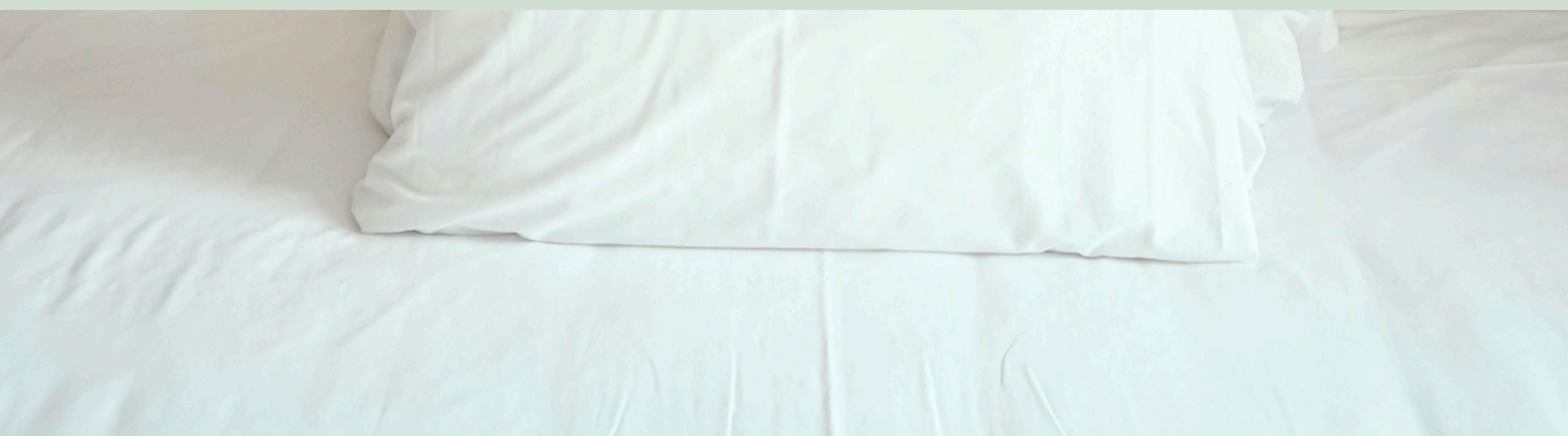
Aqueles objetos estrangeiros todos em cima dos móveis, os grandes armários, as muitas louças, a cristaleira, os tapetes.

Preciso me livrar dessas coisas.

Estendeu um lençol de muitos fios na cama king size, agora só sua, e se deixou cair.

Penas voavam.

Tanta era a maciez
dos novos ares.





Em *Bonecas ao Vento*, somos apresentados a um mosaico de histórias que mostram recortes da vida de várias mulheres. Uma delas é a jovem Eve, que busca se autodescobrir ao tentar abandonar seu passado e viver distante de sua família desorganizada. Histórias que dançam entre passado e presente, sobre abandonos, negligências, amor entre mulheres, abusos, exaustão emocional e liberdade feminina.

Com uma prosa delicada, *Bonecas ao Vento* convida os leitores a mergulharem nas emoções intensas dessas mulheres, revelando como cada uma delas encontra seu próprio jeito de balançar com o vento da vida.

“Precisamos da literatura de Charlene porque é o tipo de leitura que nos faz reconhecer o desejo pulsante – ele é, de fato, incontrollável, encontra caminhos, escapa, foge de toda e qualquer prisão.” — Ana Flávia Nejaim

Charlene Moraes

Natural de São José dos Campos – SP, filha de pais nordestinos, nascida no ano de 1981, a mais velha de três irmãs. Graduada em Psicologia e Pós-graduada em Psicanálise, também atua na área de Psico-oncologia com mulheres que passam pelo câncer de mama. Trabalha como Psicóloga Clínica e vem se envolvendo no mundo literário. Casada e mãe coruja de dois meninos, equilibra sua vida profissional e familiar com seu amor pela literatura.

A photograph of a wooden door with a decorative panel, partially covered by climbing ivy. The ivy has green leaves and thin, winding stems. The door is made of dark wood with a lighter wood panel in the center. The background is a light, textured wall.

PLANTA ENFERMA

Júlia Rathier

Aquele homem repugnante levantara do meu lado. Seu cheiro de boca dormida chegou às minhas narinas pelo beijo que ele deu em minha testa, provavelmente pra não me acordar. Há cinco anos, meu marido teria feito diferente no lugar dele.

Não me dava beijos pela manhã nem mesmo na testa, antes de fazer seu gargarejo sagrado com água, sal e hortelã. Apesar de tomar vários goles de café preto não adoçado logo em seguida.

Eu fazia pouco caso do gosto confuso de pasta dental com café que ficava depois, só pra respeitar que ele insistia nessa combinação. Entre as suas incoerências, essa era das minhas prediletas.

Falecido jamais usaria o cabelo penteado para o lado cobrindo a careca com gel Bozano. Jamais traria lenços dentro do bolso da camisa, muito menos vestiria regata branca debaixo pra conter o suor.

A peste de ontem havia me revirado com tanto sexo, de um jeito que eu já não sabia ser possível.

Desde que meu homem se foi, ficaram suas roupas que agora estão rotas pela poeira do armário - armário esse que ele construiu e eu limpo a cada morte de papa. O carvalho da porta está empenado da manhã em que com muita raiva, joguei vários baldes d'água nele e no chão. Deixei escorrendo enquanto chorava.

Fiz meu próprio alagamento que não molhou a secura de dentro.

Falecido era engomadinho mas não como a peste. Ele tinha amor às suas roupas. Trabalhou meses nesse roupeiro, pra me comprovar que era melhor termos cada um o seu. Nunca combinaria verde oliva com bege, até porque eu não deixaria e ele me escutaria plácido, dizendo “que diacho.”





Há uma única coisa que a peste fez melhor: me acalmar da cãibra. Em vez de ter ido à cozinha pegar banana e água, me segurou as pernas beijando-as e proclamando:

— Meu nome é Josélío. Não José.

Comadre Santina me disse “Ave Maria, tu só pode fornicar com outro se confundir o nome? Isso é culpa!”. A mesma que me deu um terço na tarde do velório, que ela costurou com as próprias mãos de presente. Que fez novena pela cura dele. Que passou milanos de chás pras minhas dores de cabeça de noite acordada acudindo o adoentado.

Eu leio em Coríntios 6:14-17 que meu corpo é membro de Cristo. O versículo pergunta “Tomarei eu os membros de Cristo e os unirei a uma prostituta?”. No caso, a prostituta serei eu. Uma velha decrépita sentindo tesão depois de viúva, com um homem apatetado que fez perguntas sobre meu marido dentro da minha casa.

Pego meu terço, lavadinho finalizado com duas fragrâncias. O cheiro do perfume frutado que comprei borrifado quatro vezes combinado com o herbal que meu marido usava, borrifado oito vezes. Olho a foto na cômoda, olho a nossa cama, o armário, os móveis. Olho minha jibóia precisando d’água, quase amarela. Ele falava que fazia mal ter planta no quarto porque planta precisa de oxigênio e nós também. Não sei se é verdade, tampouco pesquiso.

Mudo a planta pra perto do meu travesseiro, pra alma dele respirar e a ausência também. Quisera eu encher meu lado de plantas. Uma asfixia cairia bem.

Coríntios 6:13 diz que o corpo não é para a imoralidade, mas para o Senhor e o Senhor pro corpo. Meu laboratório de pecado, porém, não descansa pensando na cena da cãibra de ontem. Fui bem atendida pela peste e seu toque grosseiro. Falecido há de me perdoar quando encontrá-lo? No purgatório pra onde cairei a serviço do meu pagamento? O Senhor não sei se terá piedade.

É por isso que deito olhando pra nossa foto, com o terço ainda em uma das mãos. Com a outra, me sinto. Penso em Romanos 1:22-24 quando os que se diziam sábios tornaram-se loucos e tocaram a Glória de Deus.

No meio de tudo, a peste liga querendo repetir a noite.

Mas já estou no armário, fechada e segura.

Aqui, sofrendo os efeitos de um êxodo na madeira que meu Único homem transformou em móvel, sou planta enferma.

ESPECIALISTA

FRATURA, CISÃO

com Patricia Santana



Pode ser apenas uma questão semântica, mas existe uma diferença entre trauma e traumatização. A palavra trauma vem do grego e significa ferida, na medicina temos uma especialidade chamada traumatologia que trata as fraturas. O trauma é uma cisão, uma ruptura brusca e violenta. Peter Levine diz que: “trauma não é o que aconteceu com você, mas sim o que o sistema nervoso não foi capaz de processar a respeito do que aconteceu com você”. Já a traumatização são as consequências do trauma não processado no nosso sistema como um todo.



*Corpo
moldado
para
caber
nos
lugares.*

Sempre me intrigavam os pacientes poliqueixosos e que não melhoravam de jeito nenhum. Durante muito tempo fui um pouco Quíron – a cuidadora ferida – e buscava qualquer coisa para deixar os pacientes bem, mas na verdade precisava cuidar de mim mesma. Conforme fui buscando conhecer o universo somático, compreendi que muitas das reações estavam associadas a impossibilidade de defesa e autopreservação diante de situações estressantes. Alguns eventos se instalam no corpo e criam o que chamamos de padrão corporal e isso pode acontecer no período pré-verbal e determinar o nosso jeito de se expressar. Aqui falamos de fatos acontecidos até um ano de idade, por exemplo. Mesmo depois deste período nosso corpo vai sendo moldado para caber nos lugares que queremos ou achamos que devemos estar e a sociedade, a cultura, os ritos familiares são os lapidadores destes padrões.

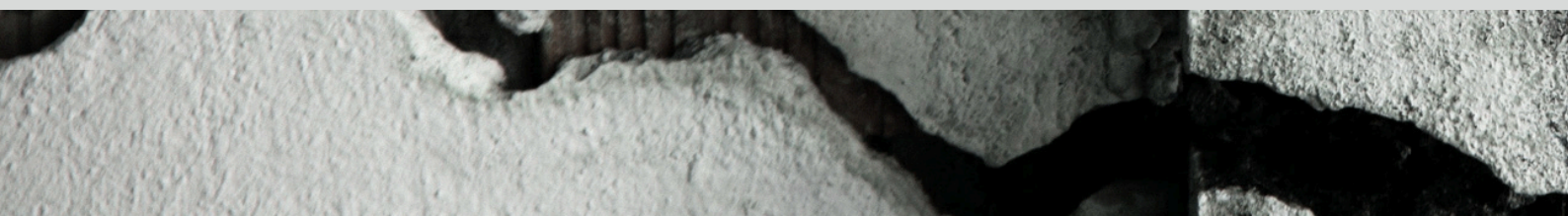
Para além de como o corpo se expressa, o principal sistema alterado pela traumatização é o nosso Sistema Nervoso Autônomo (SNA), responsável por reger as vísceras e a comunicação entre o dentro e o fora, ou seja, o nosso sistema de vínculo. Aqui podemos colocar várias patologias relacionadas ao sistema digestório, doenças autoimunes, doenças dermatológicas, enxaquecas, dores crônicas, além das questões de saúde mental. Mas nem tudo é consequência do trauma.

Tomar consciência dos ossos.

Eu percebo na maior parte das pessoas uma dificuldade de se responsabilizar pelas consequências dos acontecimentos passados em suas vidas. É muito mais fácil se separar do corpo, receber um diagnóstico e dar ao profissional de saúde a “obrigação” da cura. Ou tomar um remédio de uso contínuo para manejar os sintomas e poder tocar a vida.

Quando falo em responsabilização, não estou falando em culpar quem sobrevive a atrocidades e violências, mas ao fato de que devemos buscar nossos recursos para viver da melhor forma possível.

Para tratar a traumatização não precisa reviver os eventos, mas precisa reconhecer que a vida pode ser diferente do que está no momento. Criar vínculo e oferecer um ambiente seguro para o entendimento do funcionamento do corpo é o meu objetivo, mas é muito trabalhoso. Alguns pacientes só querem deitar na maca e fazer um ultrassom, uma terapia manual e sair mais leve. O engajamento real num tratamento onde se constroem limites para o corpo, tomando consciência dos ossos, da pele, de como nos movemos internamente, pode levar tanto tempo quanto um processo psicanalítico e ninguém tem tempo para isso. Quer dizer, poucas pessoas têm tempo para isso.



Através do corpo é possível se organizar no presente e reprogramar aqueles padrões de movimento que foram moldados lá atrás. Eles não vão deixar de existir, mas é possível aprender que não são únicos e criar um espectro maior de respostas. Uma coisa é saber com a cabeça como eu reajo, outra é sentir com o corpo. A ação é rápida do que a elaboração, isso é parte do nosso processo evolutivo. Por isso o trabalho do corpo é tão maravilhoso.

Sendo mais objetiva, no meu trabalho a maior dificuldade é conscientizar o paciente da importância do comprometimento com o trabalho. Posso apagar os incêndios, é como eu chamo quem aparece para tirar a dor em um atendimento, mas isso não vai fundo na causa e daqui a pouco a pessoa volta. E tem dor que é só uma dor, nem tudo precisa ser aprofundado. Mas é importante diferenciar.



Ler com o corpo, experimentando as reações que o corpo expressa.

Sempre usei a escrita como um recurso para me escutar. Tenho um caderno no qual escrevo quase diariamente, digo “quase” porque há dias que não tenho vontade de escrever nada. Mas ao mesmo tempo que eu escrevo para me escutar, eu também ganho possibilidades de explorar quem sou eu e este processo me leva a conhecer um pouco mais sobre o outro. Entendo o processo terapêutico também por aí, um caminho de me entender como unidade e identidade e ao mesmo tempo comunidade.

A leitura vai pelo mesmo caminho, leio o que eu gosto ou livros indicados por pessoas conhecidas, alguns que estão na moda, leio muito e de tudo ou quase tudo: ficção, não-ficção, biografia, crônicas, contos, enfim. Alguns livros me transportam para um paciente e eu indico, se a pessoa lê, depois trazemos para o trabalho. Falamos sobre ler com o corpo, experimentando as reações que o corpo expressa e levando perguntas. Amo as perguntas muito mais do que as respostas.



Minha formação vem da minha relação com a dança. Comecei no ballet clássico aos quatro anos e nunca me dei bem com outros esportes. Fui a aluna que fugia da aula de educação física. A fisioterapia uniu o conhecimento do corpo humano, que sempre me fascinou, e o movimento.

Na formação acadêmica o corpo é visto de forma mecanicista e pra mim o corpo é arte. Por isso construí minha formação baseada no conhecimento artístico e científico. Fiz três especializações – neurologia, ortopedia e gerontologia – participo de congressos nacionais e internacionais, ao mesmo tempo que fiz a formação em Reeducação do Movimento do Ivaldo Bertazzo, estudei Laban, Bartenieff, dança moderna, dança africana. Toda esta bagagem me tornou uma profissional muito atenta ao gesto e à expressão corporal. A Eutonia – que é uma educação somática – ampliou as possibilidades de investigação do gesto, somos detetives nos nossos próprios corpos buscando as respostas únicas que ele tem para nos oferecer.

Meu trabalho é colaborar com as minhas ferramentas para que cada pessoa encontre a maior parte possível de si mesma. Seja num tratamento convencional de dor ou em questões mais complexas relacionadas ao corpo. A Psicotraumatologia foi outro recurso para ampliar a minha atenção, o trabalho do trauma pelo corpo é bem poderoso e pode trazer resultados muito interessantes. É importante explicar que não substitui a psicoterapia ou a psicanálise, são trabalhos complementares. Muitas vezes o corpo revela memórias e sensações que precisarão ser elaboradas por um profissional competente.



Patricia Santana, paulista, filha de baianos, irmã, tia, amiga, leitora ávida, fisioterapeuta, eutonista e escritora. Há mais de 25 anos trabalha com cuidado e escuta como fisioterapeuta especializada em ortopedia e gerontologia. Em 2017 chegou na Eutonia, uma pedagogia que ajuda a elaborar as percepções e sensações manifestadas no corpo. Com o olhar integrado buscou a formação em Psicotraumatologia como mais uma ferramenta de acompanhamento terapêutico. Divide suas experiências e reflexões pessoais e profissionais na newsletter Saúde, Saberes e Memórias no Substack.

[Newsletter](#) / [Instagram](#)

SERVIDA

Marilise Mônaco

A trama da malha
marca
a lycra branca
esgarça
espreme o seio imaturo
reprime o ar da barriga
amarra essa boca
engole o choro e a sopa menina
aipo chuchu cebola e repolho
os restos pros
porcos
porca
suja de calda de bolo
coxinha de frango
bolacha ou biscoito e
sonho
regurgitado
dia de pé na balança
de fé e fobia
de fita métrica em punho
vira chicote
a língua
de que adianta o olho
translúcido
no rosto de
porcelana
se salta da calça a
banha
inútil o cabelo
(a cabeça)
brilhante
se nada te serve
meu bem
não serve



Todas as fotografias
utilizadas nesta
edição estão
acessíveis
gratuitamente
em Pexels.com

Nenhuma
pessoa pagou
qualquer
valor para ter
suas obras ou
entrevistas
publicadas

A revista Górgona
é gratuita
e não pode ser
comercializada.





www.hubgorgona.com.br
contato@hubgorgona.com.br